

UNIS – CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS
JORNALISMO
IGOR AUGUSTO PEREIRA ROSA

O JORNALISMO E O ESPORTE ENQUANTO COMPENSAÇÃO

Varginha
2017

I GOR AUGUSTO PEREIRA ROSA

O JORNALISMO E O ESPORTE ENQUANTO COMPENSAÇÃO

Trabalho apresentado ao curso de Jornalismo do UNIS
Centro Universitário do Sul de Minas como pré-
requisito para obtenção do grau de bacharel, sob
orientação do Prof. Marco Antônio Nogueira Azze.

Varginha
2017

Ao meu professor e orientador Marco Antônio
Nogueira Azze, bem como aos meus colegas e
amigos: Karoliny Cassimiro, Helene
Sezinal de Almeida, Valdeir Gabeira, que
contribuíram para a realização desta
monografia.

“O ser humano não sabe voar e isso não
o impede de explorar o céu.”
Igor Augusto Pereira Rosa

RESUMO

Este estudo tem por finalidade analisar a relação que se estabelece entre a mídia e o esporte adaptado para deficientes físicos. Por meio da análise e comparação da cobertura dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, busca-se atestar a diferença na abordagem do Jornalismo Esportivo às Paralimpíadas em relação às Olimpíadas. Outra questão a ser abordada por este trabalho é o motivo pelo qual os atletas são vistos como mitos nacionais, enquanto paratletas se tornam símbolos de superação, bem como o impacto dessa visão sobre essas pessoas causa na sociedade atual, relacionando-o com a Teoria da Inferioridade, de Alfred Adler. O tipo de pesquisa utilizado neste estudo é o descritivo, já que sua principal característica é a análise e comparação da abordagem midiática acerca dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Para tal, serão utilizados dois veículos de comunicação que transmitiram os eventos: a Rede Globo e a TV Brasil.

Palavras-chave: Mídia. Paralimpíadas. Olimpíadas. Inferioridade.

ABSTRACT

This study aims to analyze the relationship between a media and the sport adapted for the physically disabled. Through the analysis and comparisons of the coverage of the 2016 Olympic and Paralympic Games, the aim is to attest to the difference in the approach of Sports Journalism of the Paralympics in relation to the Olympics. Another question about the work and the reason why the athletes are seen as national myths, while paratletas become symbols of overcoming, as well as the impact this view on these people causes in the current society, relating it with the Theory of Inferiority, created by Alfred Adler. The type of research used in this study is descriptive and its main feature is an analysis and comparative of the media approach to the 2016 Olympic and Paralympic Games. For this, it is one of two media: Rede Globo and TV Brasil.

Keywords: *Media. Paralympics. Olympics. Inferiority.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS 2016.....	09
3 TEORIA DA INFERIORIDADE E O ESPORTE COMO COMPENSAÇÃO....	11
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
REFERÊNCIAS.....	17

1 INTRODUÇÃO

O esporte é hoje uma editoria fundamental nos veículos de comunicação brasileiros. Seja no rádio, na televisão, nos jornais impressos ou nos sites de notícias, o tema está presente até mesmo em pautas de veículos cuja segmentação não o inclui na cobertura de rotina. A relevância cultural e a capacidade de despertar o interesse do público fazem com que ele conquiste espaço, não apenas nos meios comerciais, mas também nos veículos públicos. Exemplo disso é a cobertura das Olimpíadas e Paralímpicas de 2016 feitas pelo SporTV e pela TV Brasil. A Rede Globo, uma das emissoras oficiais dos Jogos Olímpicos, transmitiu durante as Paralímpicas, um programa especial depois do “Jornal da Globo”, que abordou os destaques diários da competição.

Apesar de no começo ter sido pouco explorado pelos meios de comunicação, Viviane Borelli (2002) afirma que hoje o esporte chega, em questão de minutos, com os grandes eventos esportivos, a ocupar mais espaço em grandes jornais brasileiros do que editorias como economia, educação e política, por exemplo. A autora explica ainda que o esporte se fixa, normalmente, às últimas páginas dos jornais impressos, consideradas, juntamente com as primeiras, as mais atrativas e privilegiadas do conteúdo jornalístico, ou em cadernos diferenciados nessas mesmas mídias. Seguindo a mesma lógica, nos rádios, o tema vem em um bloco diferenciado, normalmente ao fim da edição, destacando-o dos demais temas e tornando-o “especial”.

Tal privilégio não será defendido neste trabalho. Define-se privilégio o “ato de conceder, exclusivamente, alguma coisa a alguém com exclusão de outros e contra o direito comum” (BUENO, 2000, p. 625). Não se busca, com essa pesquisa, instigar os veículos de comunicação a cobrirem temas específicos, e em prejuízo de outros. O objetivo é questionar a forma como se estabelece a relação entre o Jornalismo, os Jogos Olímpicos e os Paralímpicos, apontando possíveis privilégios nesta relação, e propondo formas que possibilitem o jornalista demonstrar, em ambos os eventos esportivos, aquilo que precisa ser exibido e dialogado para a comunidade.

A internet possui um papel importante na forma como o Jornalismo Esportivo se estabelece atualmente. Segundo Costa e Oseline (2012), a partir dos anos 2000, no contexto da popularização da internet e da concorrência com a agilidade dos meios digitais, mais uma vez o jornalismo esportivo de televisão, rádio e impresso teve que se reinventar. A principal mudança apresentada pela autora é o distanciamento da objetividade, da precisão e do rigor na aplicação dos critérios de noticiabilidade e a aproximação da seleção baseada nos fatos-

ôni bus, descritos por Bourdieu (BOURDIEU 1997, p. 143), como os fatos que “não envolve disputa, não divide quem forma consenso, que interessa a todo mundo, mas de um modo tal que toca em nada de importante”.

O resultado dessa seleção de notícias baseada no princípio de manter a agilidade e garantir a exclusividade frente aos veículos concorrentes, faz com que, segundo Borelli (2002), o Jornalismo Esportivo apele para a espetacularização. Segundo Debord (1997), o espetáculo é uma forma de sociedade em que os indivíduos tendem a consumir imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real. Vê-se hoje, conforme aponta Costa (2012), no Jornalismo Esportivo, a pretensão de, muito mais do que apurar e informar, de divertir e entreter o telespectador.

Um recurso muito utilizado pela imprensa brasileira é a busca pela aproximação do público com as histórias veiculadas. No jornalismo esportivo, por exemplo, isso se materializa com a intenção de que o público se identifique com os atletas e situações por eles vividas, como se esses fosse representações de sonhos quase intangíveis de cada indivíduo. Tentam-se criar ídolos e projetar heróis com características que possam ser identificadas pelo público.

Entre as pautas mais trabalhadas está o campeão, sua carreira, história pessoal e outras supostas vitórias. Esse campeão é elevado a um pedestal acima daqueles que, segundo um conjunto de regras que se estabelece no meio esportivo, não alcançaram a vitória. Enquanto os perdedores são criticados por não corresponderem aos investimentos do país ao qual eles pertencem os vitoriosos são cobrados a estarem sempre procurando resultados cada vez melhores.

O segundo capítulo apresentará dados numéricos a respeito das Olimpíadas e Paralimpíadas de 2016, traçando um paralelo entre diferentes canais brasileiros de comunicação que transmitemos eventos, contextualizando o tema.

O terceiro capítulo analisará a pessoa com deficiência, fazendo uma breve reflexão a respeito da Teoria da Inferioridade e Compensação, conceitos criados por Alfred Adler e que se referem ao sentimento psicológico de inferioridade que é “o sentimento de inaptidão, de insegurança, que determina o alvo da existência de um indivíduo. A tendência de se por em foco, de atrair a atenção dos pais, faz-se sentir desde os primeiros dias de vida. Encontram-se aí os primeiros indícios do despertar desse desejo de consideração, de apreço, a desenvolver-se sob o concomitante fluxo do senso de inferioridade e do propósito deliberado de atingir uma posição em que o indivíduo seja aparentemente superior ao seu ambiente” (ADLER, p. 78). Esse capítulo também irá tratar o esporte como uma compensação da inferioridade dessas pessoas.

2 JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS 2016

Os Jogos Olímpicos de 2016, ou simplesmente Rio 2016 foi um evento multiesportivo realizado no segundo semestre de 2016, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Foi a oitava vez que o país sediou um evento com várias modalidades esportivas. A escolha da sede foi feita durante a 121ª Sessão do Comitê Olímpico Internacional (COI), que ocorreu em Copenhague, na Dinamarca, em 2 de outubro de 2009. Foi também a quarta vez em que os Jogos Olímpicos de Verão ocorreram em uma estação diferente, pois o evento de 2016 se deu em pleno inverno brasileiro (PORTAL BRASIL, 2016).

As competições olímpicas se deram no período de 3 a 21 de agosto de 2016, enquanto as Paralimpíadas ocorreram entre 7 e 18 de setembro do mesmo ano, na mesma cidade e com a organização do mesmo comitê (PORTAL BRASIL, 2016).

A cerimônia de abertura dos Jogos ocorreu na noite de 5 de agosto de 2016, no Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro, a partir das 20:00, horário local. Como estipulado pela Carta Olímpica, o processo combinou a abertura cerimonial formal deste evento desportivo internacional com um espetáculo artístico para mostrar a cultura do país anfitrião. Cerca de 78.000 espectadores testemunharam a cerimônia de abertura ao vivo do Estádio do Maracanã. O ato solene iniciou-se com imagens aéreas da cidade e em um videoclipe com a música *Aquela Abraço*, cantada por Luiz Melodia, que o público acompanhou nos versos mais famosos. Após a projeção das primeiras imagens, foi anunciado o presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Thomas Bach. Pelo protocolo, o nome do presidente do país-sede deveria ser dito. Este protocolo, porém, foi quebrado, já que o nome do presidente interno do Brasil, Michel Temer, não foi anunciado. Segundo a TV Globo, houve um impedido para que o nome do presidente e o exercício não fosse anunciado. Havia o temor da equipe de que ele fosse vaiado no Maracanã, alvo de protestos (PORTAL BRASIL, 2016).

Os direitos de transmissão no Brasil foram concedidos pelo COI à proposta conjunta feita pelas Organizações Globo e o Grupo Bandeirantes de Comunicação. Posteriormente, as emissoras autorizaram a revenda dos direitos de televisão aberta para outras interessadas, sendo a única a Central Record de Comunicação. A Globosat, que fez parte do consórcio formado pela Rede Globo e pela Rede Bandeirantes, transmitiu o evento na TV por assinatura. Por não ter comprado os direitos do evento esportivo, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) não pôde usar os nomes "Olímpada", "Jogos Olímpicos" ou similares para lançar quadros ou programas para suas transmissões. Por essa razão, o canal registrou o título

“Corrida pelo Ouro”, e era com esse "slogan" que ele fazia matérias relacionadas ao tema (SPORTV, 2016).

No caso das Paralimpíadas, os direitos de transmissão no Brasil são pertencentes ao Grupo Globo, que autorizou a OIPC a repassar para qualquer emissora interessada e transmitir o evento os direitos foram repassados para a TV Brasil de responsabilidade da EBC, juntamente com as emissoras públicas de alguns estados. A TV Cultura, que solicitou a transmissão do evento a EBC, teve pedido negado por não fazer parte da ABEPEC. Em 7 de setembro, pouco antes da cerimônia de abertura, o canal iniciou nas redes sociais a campanha #LiberaOSinalEBC. Sem resposta, o departamento de jornalismo da Cultura fez pedido à Rede Globo e conseguiu autorização para retransmitir o sinal do International Broadcast Center (IBC), passando a exibir a abertura 1h depois de seu início. Posteriormente, o canal anunciou que iria exibir algumas modalidades. Após o impasse, a TV Brasil e a TV Cultura passaram a exibir o evento em conjunto, onde a Cultura retransmite as imagens geradas pela TV Brasil, além de retransmitir o material produzido pela equipe do canal (SPORTV, 2016).

A Gobosat, por intermédio da Sportv, transmitiu pela TV por assinatura. A TV Globo – uma das emissoras oficiais dos Jogos Olímpicos – teve durante a Paralimpíada um programa especial depois do "Jornal da Globo", que tratou dos destaques do dia paralímpico. A emissora teve entradas ao vivo, mas dentro de alguns de seus programas, como o "Esporte Espetacular". Emissoras como a Band, Record, SBT e RedeTV! fizeram apenas a cobertura jornalística (SPORTV, 2016).

3 TEORIA DA INFERIORIDADE E O ESPORTE ADAPTADO

Alfred Adler foi o primeiro discípulo de Freud a se separar do grupo psicanalítico em 1911. Contudo, suas noções de complexo de inferioridade não tiveram na França grande impacto. Embora tenham se tornado famosas posteriormente, não se dá o devido crédito ao criador desses conceitos.

Adler fundamenta-se na observação segundo a qual uma inferioridade orgânica é compensada, seja pela utilização de outro órgão, seja por um esforço particular imposto ao órgão deficiente. É possível reportar-se a Demóstenes, como exemplo, o qual, apesar de ser gago, tornou-se um grande orador. A inferioridade orgânica também suscita reações psíquicas sob a forma de fantasias compensatórias. Num outro momento, Adler amplia a noção de inferioridade, assegurando que o sentimento de inferioridade existe em todas as pessoas e que possui sua fonte na infância no momento em que o indivíduo se sente pequeno e fraco diante do adulto, sentimento este favorecido pela atitude minuzante dos pais.

Segundo Herre Valinief,

O ser humano apresenta esta característica essencial: é a entidade mais frágil do reino animal, quando nasce; a mais delicada, a menos apta para a sobrevivência. Um potrinho, assim que se desmembra da placenta, já pode dar alguns saltos desajeitados; para um gatinho, são necessários apenas alguns dias para que abra os olhos e são necessárias apenas algumas semanas para que o pequeno pássaro possa voar só. O recém-nascido humano vem ao mundo num estado de insuficiência que lhe seria catástrofe se não tivesse uma família para olhar por ele... Assim a criança que toma, pouco a pouco, ao longo de todos esses anos de sua formação, consciência de si mesma, considera-se a princípio como algo inferior, menor (1972, p. 106 e 107).

Para Adler é a vontade de poder que é a força motora de toda ação humana, e não a sexualidade, e é esta mesma vontade de poder que é a causa das neuroses, pois, o próprio ato sexual para ser motivado, não nasce da excitação sexual mas de uma procura de superioridade sobre o parceiro. O complexo de Édipo não é questionado por Adler, todavia, é reinterpretada consoante a perspectiva da vontade de poder. A criança visa submeter-se à mãe e subtrair-se à dominação do pai, para por sua vez dominá-lo. No decorrer da adolescência e na idade adulta do complexo de Édipo constitui um refúgio para o indivíduo, pois o tal se fixa a essa situação para evitar confrontos mais difíceis.

Os diferentes conceitos expostos até aqui, conduzem a uma atitude e a um método terapêutico distintos daqueles observados na psicanálise freudiana. A busca das causas iniciais da neurose é abandonada, a qual se define por uma busca de metas inadaptadas e é na

correção dessas metas que reside ação terapêutica. Portanto, o foco é na ação educativa e reeducativa, a qual não procura entrar nas profundezas do inconsciente e pretende ser de curta duração. Alfred Adler (1967) deu à sua própria teoria o nome de psicologia individual.

Muitos obstáculos podem bloquear o desenvolvimento da autoestima e interesse social. Proeminentes entre eles estão órgãos ou sistemas mal desenvolvidos ou inferiores (como visão defeituosa e problemas de coordenação olho-mão), doenças infantis, excesso de cuidados e negligência. Desvantagens físicas e doenças de infância podem promover autcentralização e perda de interesse social. Adler ampliou sua investigação sobre inferioridade orgânica para o estudo do sentimento psicológico de inferioridade. Ele afirmava que todas as crianças são profundamente afetadas por um sentimento de inferioridade, que é uma consequência inevitável do tamanho da criança e da sua falta de poder. Um outro fator contribuindo para o desenvolvimento da personalidade é a ordem de nascimento. Crianças primogênicas, após ter perdido sua posição de filho único, tendem a não partilhar. Elas se tornam conservadoras. Filhos segundos favorecem mudança e tornam-se ativistas sociais. Filhos mais novos sentem-se seguros porque eles nunca foram substituídos.

Adler (1967) observou que as pessoas com fraquezas orgânicas graves tendem por meio de processos de compensação diversos, a tentar restabelecer o equilíbrio, através de treinos adequados ou recorrendo a exercícios específicos, como já foi dito. Esta motivação suplementar para esforços adicionais de superação física, resultava, segundo Adler, num sobrefortalecimento dos órgãos, antes fracos, daí derivando, portanto, uma maior destreza e força do indivíduo.

Na sua teoria sobre a inferioridade orgânica (ADLER, 1967), postulava que em cada indivíduo a fragilidade de determinados órgãos constituiria uma vulnerabilidade acrescidas às doenças, envolvendo aqueles órgãos, inata e fisicamente mais débeis.

A saúde mental era caracterizada pela razão, interesse social, e autotranscendência, e as desordens mentais por sentimentos de inferioridade e preocupação egocêntrica com segurança e superioridade ou poder sobre os outros. A psicoterapia, na qual o médico e o paciente discutem os problemas como iguais haverá de encorajar o relacionamento humano consistente e interesse social reforçado. A função do psicanalista, em consequência, seria descobrir e racionalizar esses sentimentos, para terminar com o desejo de poder compensatório e neurótico (COBRAPAGES, 2003).

Para Alfred Adler (1967), a estrutura da personalidade de cada indivíduo, incluindo seus ideais e os meios que visa para alcançá-los, constitui seu "papel de vida" (o que também é chamado "script"), o qual jaz, em parte, no seu subconsciente. Coerentemente a este

papel, o indivíduo subordina suas emoções e desejos específicos. O papel de vida forma-se na primeira infância, sob influência de fatores como ordem de nascimento, inferioridade ou superioridade física, e descaso ou superproteção dos pais.

De acordo com Campbell, Hall e Lindzey (2012) a teoria da personalidade de Adler é o conceito do self criativo. Diferente do ego de Freud, o self de Adler é um sistema subjetivo altamente personalizado, que interpreta e torna significativas as experiências do organismo. Além disso, ele busca experiências que ajudarão a realizar o estilo de vida único da pessoa; se essas experiências não são encontradas, o self tenta criá-las.

Esse conceito de self era novo na teoria psicanalítica. Ele ajudou a compensar o extremo “objetivismo” da psicanálise clássica, que dependia quase inteiramente das necessidades biológicas e dos estímulos externos para explicar a dinâmica da personalidade. O conceito de self desempenhou um papel importante e recentes formulações relativas à personalidade.

Alfred via as pessoas como entidades biológicas unificadas e singulares, todas cujos processos psicológicos encaixam-se e justificam um estilo de vida individual. Além deste princípio de unidade, Adler postulou um princípio de dinamismo - que cada pessoa está direcionada ao futuro e que se move em direção a uma meta. Uma vez que a meta é estabelecida, o aparelho psíquico molda-se em direção à obtenção desta meta. As metas de vida são escolhidas e são, portanto, sujeitas à mudança; tais mudanças requerem a modificação das memórias, sonhos e percepções para encaixar-se à realização desta meta. Adler também enfatizou a relação entre a pessoa e seu ambiente social e enfatizou ação no mundo real sobre fantasia. Atendência de si mesmo e comunicações, aceitação da necessidade de adaptar-se a demandas legítimas da sociedade é um preceito importante, mas Adler também indicou que uma dialética ocorre entre as pessoas e seu ambiente interpessoal, cada qual constantemente reagindo e moldando o outro.

A pedra fundamental da teoria da personalidade de Adler é o conceito de passar de um sentimento de inferioridade para um sentimento de domínio. Cedo na vida, todos têm um sentimento de inferioridade resultante da comparação realista com o tamanho e as habilidades dos adultos. Passar deste sentimento de inferioridade para um sentimento de adequação é o tema principal motivacional importante na vida. Deste modo, a pessoa ideal empenha-se por superioridade e o faz através de alto interesse social e da atividade; a pessoa emocionalmente incapacitada continua a sentir-se inferior e reforça esta posição através de falta de empenho e interesse social.

Eu comecei a ver claramente em cada fenômeno psicológico a busca pela superioridade. Ela acompanha o crescimento físico e é uma necessidade intrínseca da própria vida. Está na raiz de todas as soluções dos problemas da vida e manifesta-se na maneira como enfrentamos esses problemas. Todas as nossas funções seguem sua direção. Ela busca a conquista, a segurança, o crescimento, quer na direção certa, quer na errada. O fimpeto de menos para mais jamais cessa. Seja quais forem as premissas com as quais sonham todos os nossos filósofos e psicólogos, todas elas são apenas vagas representações, tentativas de expressar a grande pulsão ascendente. (ADLER, 1967 apud CAMPBELL; HALL; LINDZEY, 2000, p. 121).

Na teoria da psicopatologia, Alfred Adler (1967) explica que os transtornos emocionais resultam de estilos de vida errôneos, que são sujeitos à mudança pela vontade e por autoentendimento. Pessoas sujeitas à transtornos emocionais têm falsas ideias sobre si mesmas e o mundo e metas inapropriadas que as afastam de interesses sociais construtivos. Aquelas com um estilo de vida limitado, por exemplo, esperam e exigem de outros, evitam responsabilidade e incriminam os outros por seus fracassos, mas porque seu bem-estar depende de pressionar outros a servir, sentem-se incompetentes e inseguras. Se a vida não impõe nenhum desafio, um estilo de vida errôneo pode não ter consequências. Quando um estilo de vida errôneo é ineficaz, sintomas se desenvolvem. Estes sintomas protegem a autoestima enquanto ajuda a pessoa a evitar lidar de forma realista com o problema a ser confrontado. A diferença entre transtornos mentais menores e maiores é que aqueles com transtornos menores mantêm interesse social, mas são bloqueados das metas de vida pelos sintomas, porém os com transtornos mentais maiores perdem interesse social e voltam-se para seus próprios mundos.

Na Psicoterapia, Adler enfatizou a harmonia do aparelho psíquico e a desarmonia de estilos de vida errôneos com as demandas do mundo real. Ele focalizou sobre blocos para viver produtivamente no mundo real e não sobre explorar conflitos inconscientes. Sua meta foi apontar visões errôneas de si e visões errôneas do mundo e então, mobilizando a vontade, fazer as mudanças necessárias, incluindo uma mudança na meta de vida.

Um dos principais conceitos de Adler também é o estilo de vida. Segundo Campbell, Hall e Lindzer (2012), o estilo de vida é o slogan da teoria da personalidade dele. Este seria o princípio do sistema, segundo o qual funciona a personalidade individual: é o todo que comanda as partes. É o princípio que explica a singularidade da pessoa. Todos têm seu estilo, mas não existem duas pessoas como o mesmo estilo.

O estilo de vida determina como a pessoa enfrenta os três “problemas de vida” da idade adulta: relações sociais, ocupação, e a moradia e casamento. As versões preliminares destes problemas na infância centram-se nas amizades, na escola e no sexo oposto. Quando a

tentativa de lidar com essas tarefas são orientadas pelo interesse social, ele está no “lado útil da vida”. Se a superioridade pessoal substitui o interesse social como meta, a pessoa se distancia das tarefas da vida e fica no lado “inútil” da vida.

Diversas das técnicas de Adler agora desfrutam de ampla popularidade. Elas incluem a reconstrução e comunicação paradoxal. A reconstrução é ver os dados de um ponto de vista diferente. Indecisão, por exemplo, é reconstruída a partir de sentimentos mistos para um desejo de manter o status quo. Falha em agir mantém tudo igual, o que é a profecia autopreenchedora da pessoa desencorajada. Após a declaração de reconstrução, o terapeuta estimula os pacientes a agir construtivamente. A comunicação paradoxal é instruir pacientes a fazer o oposto do que o terapeuta deseja que eles façam. Ao lidar com uma pessoa indecisa, por exemplo, o terapeuta pode advertir contra fazer alguma coisa precipitada. Adler também prestou atenção aos efeitos dos seus pacientes sobre o seu ambiente e reconheceu que as pessoas fazem muito para criar seus próprios mundos interpessoais. Em resposta a queixas sobre ser tratado injustamente por outros, Adler perguntava aos pacientes como eles lidavam com as pessoas sobre quem se queixavam. Acima de tudo, Adler tratava seus pacientes como racionais e como capazes de aprender modos de vida produtivos (COBRAPAGES, 2003).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que a mídia brasileira tenha demonstrado um crescente interesse em cobrir os jogos Paralímpicos, se percebe o apelo à espetacularização, assim como é feito nos eventos Olímpicos, pois utiliza um atleta para aproximar o público da história de vida que está sendo contada. É perceptível também a utilização de símbolos e sons que fazem rir ou chorar, mas que não fazem refletir seriamente a respeito daquilo que está sendo mostrado.

O deficiente físico, e mais especialmente o que se torna deficiente por conta de algum acidente, utiliza o esporte como compensação de suas limitações, e não para superá-las. Ele continua sendo limitado, embora o esporte o ajude a combater sua inferioridade. O que acontece é que, no deficiente físico já está incutido o arquétipo de incapacidade, e a atuação do jornalista é fundamental para a desmistificação desse arquétipo, para que o público não sinta compaixão por essas pessoas, mas que passa a refletir sobre sua própria vida, e enxergue mais e mais aos deficientes físicos como eles são de fato seres-humanos.

Mesmo que o público consuma produtos midiáticos que exploram a espetacularização desses eventos esportivos, é dever do jornalista, além de informar, promover o diálogo e dar mais voz às pessoas para que as histórias sejam contadas por elas mesmas, e não por um grupo de profissionais que pode meditar e manipular informações.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Alfred. **Aciência da natureza humana**. Rio de Janeiro: Nacional, 1967.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BORELLI, V. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Salvador/BA, 1 a 5 set. 2002. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP18BORELLI.pdf>. Acesso em 30 set. 2017.
- BUENO, S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000. p. 625
- CAMPBELL, J. B.; HALL, C. S.; HINDZEY, Gardner. **Teorias da Personalidade**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- COBRA, Rubem Q. - **Alfred Adler, fundador da Psicologia Individual**. COBRA PAGES, Brasília, 2003. Disponível em <<http://www.cobra.pages.nom.br>>. Acesso em 15 set. 2017.
- COSTA, Cristiane Finger, OSELAME, Mariana Corsetti. Entre a notícia e a diversão: um retrato do jornalismo esportivo de televisão. In: **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom, 2012**. Disponível em <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/9753>>. Acesso em 15 set. 2017.
- DEBORD, Guy. **Asociidade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GRUPO GLOBO anuncia transmissão dos ‘Jogos Paralímpicos Rio 2016’. **Grupo Globo**, 14 set. 2015. Disponível em <http://www.grupoglobo.globo.com/noticias/grupo_globo_anuncia_transmissao_jogos_paralimpicos-2016.php>. Acesso em 11 out. 2017.
- OS MELHORES momentos da cerimônia de abertura da Olimpíada Rio 2016. **Sportv**, 6 ago. 2016. Disponível em <<http://sportv.globo.com/olimpiadas/videos/os-melhores-momentos-da-cerimonia-de-abertura-da-olimpada-rio-2016/5215684/>>. Acesso em 10 out. 2017.
- OLÍMPIADAS Rio 2016. **Portal Brasil 2016**. Disponível em <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/negaeventos/olimpiadas>>. Acesso em 10 out. 2017.
- OHATA, Eduardo. SporTV terá 4º canal e 150 horas de cobertura de Paralimpíada. **Uol Olimpíadas**, 2 set. 2016. Disponível em <<https://olimpiadas.uol.com.br/externo.html?id=a0d2834ae1d38a6dad745d087f9a5720170908>>. Acesso em 11 out. 2017.

PARALIMPIADAS Rio 2016. **Portal Brasil 2016**. 2016. Disponível em
<<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paralimpiadas>>. Acesso em: 11 out. 2017.

VALINEFF, Herre. **Psicanálise e complexos**. Rio de Janeiro: MM, 1972.